

AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BARÃO DE CAXIAS, OS FARROUPILHAS E OS GOVERNOS PLATINOS E PROVINCIANOS DURANTE A REVOLUÇÃO FARROUPILHA¹

Jéferson Mendes
Pós-graduando em Sociologia
Mestrando em História
Professor/tutor de História, Geografia, Filosofia e Sociologia.

RESUMO: Durante a guerra contra os farroupilhas, o general e presidente da província do Rio Grande do Sul, Luiz Alves de Lima e Silva, o barão de Caixas, manteve intensa atividade diplomática, militar e administrativa. Nesse texto destaco a correspondência e atividades diplomáticas de Caxias com lideranças do Prata, dos rebeldes e do governo imperial. Essas fontes se encontram no acervo do Núcleo de Documentação Histórica (NDH), do PPGH-UPF. Nelas ficam demonstradas as estratégias e táticas do barão para vencer os farroupilhas, os procedimentos para neutralizar o apoio externo aos rebeldes e as alianças com líderes platinos.

PALAVRAS-CHAVE: Caxias, províncias, República Rio-Grandense, Rivera, Rosas.

ABSTRACT: During the war against farroupilhas, the general and president of the province of the Rio Grande do Sul, Luiz Alves de Lima and Silva, the baron of Boxes, kept intense activity diplomatics, to militate and administrative. In this text I detach the correspondence and diplomatical activities of Caxias with leaderships of the Silver, of the provinces, the rebels and the imperial government. These sources if find in the quantity of the Nucleus of Documentação Histórica (NDH), of the PPGH-UPF. In them they are demonstrated the tactical strategies and of the baron to win farroupilhas, the procedures to neutralize the external support to the rebels and the alliances with platinos leaders.

KEYWORDS: Caxias, provinces, River Republic, Rivera, Roses.

A 9 de novembro de 1842, Luiz Alves de Lima e Silva toma posse da presidência e do Comando das Armas do Império na intensão de sufocar os rebeldes farrapos. Dessa

¹ O presente trabalho foi desenvolvido quando o autor era bolsista pibic/CNPq, no período de 01/08/2006 a 31/07/2007, no projeto “Núcleo de Documentação Histórica – NDH”, trabalhando com a documentação “Arquivo Pessoal do Barão de Caxias”.

forma, chegava à província do Rio Grande do Sul,² “[...] com as melhores intenções de concórdia e pacificação”.³

O Barão estando “[...] aureolado pelos sucessos do Maranhão, Minas e São Paulo, onde, dentro de poucos meses, conseguira submeter os rebeldes”.⁴ A 26 de novembro de 1842, em carta a João Antônio da Silveira, Antônio de Souza Neto diz o seguinte: “Por pessoas vindas de Pelotas, dão notícia de já haver chegado o Caxias no Rio Grande, e que viera a Pelotas com 80 homens de Infantaria, e outros tantos de Cavalaria”.⁵

Na época, os governos platinos fronteiriços tinham a sua defesa alicerçada em uma aliança de defesa mútua, onde se mantinham unidos entre si.⁶ Quando a República Rio-Grandense fora proclamada pelo General Antônio de Souza Neto, em 11 de Setembro de 1836, nos campos do Seival, sob influência platina. Um dos defensores dessa hipótese era Tristão de Alencar Araripe,⁷ dizendo que o proclamador até escolheu um lugar próximo à fronteira,⁸ só que esqueceu este de dizer que um dia antes Neto vencera as tropas de Silva Tavares em Seival, isso a pouca distância de onde lançou a proclamação.⁹ Também Alfredo Varela, reunindo vasta documentação, classifica o Rio Grande do Sul como “zona uruguaia de costumes, ainda que brasileira de origem”. Dessa forma, acredita que os farroupilhas fundaram um Estado adjacente aos Estados platinos.¹⁰ Também “[...] se nem todos os sul-rio-grandenses foram farroupilhas, nem todos os farroupilhas foram convictamente republicanos”.¹¹ O mais perigoso para o Império Brasileiro eram as relações diplomáticas

² “O marechal barão de Caxias deixou o Rio de Janeiro, rumo ao Rio Grande do Sul, no dia 29 de outubro de 1842, a bordo do *Paquete do Sul*”. In: PEIXOTO, Paulo Matos. *Caxias*. Nume Tutelar da Nacionalidade. Rio de Janeiro: Edico, 1973, p. 124.

³ SÁ BRITO, Francisco de. *Memória da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1950, p. 82.

⁴ SÁ BRITO, Francisco de. *Memória da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1950, p. 82.

⁵ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CORAG, 2004. (CV-6292).

⁶ Como por exemplo o Pacto Federal de 1831, que “[...] foi um convênio celebrado entre Buenos Aires, Santa Fé e Corrientes. Teve por objetivo estabelecer um compromisso ofensivo-defensivo: quem agredisse qualquer uma das três províncias teria que se enfrentar com as três”. In: LUNA, Félix. *Breve história dos Argentinos*; tradução Andrea Cecília Ramal, Rio de Janeiro; Instituto Cultural Brasileiro-Argentino, 1995, p. 53.

⁷ FLORES, Moacyr. *A Revolução Farroupilha*. 4. edição. Porto Alegre. Ed.UFRGS, 2004, p. 64.

⁸ Mesmo que tivessem “[...] folhetos subversivos, de língua castelhana, espalhados por toda a província, os quais fizeram tanto mal a ordem monárquica, [...], não se pode dizer que isso foi decisivo para a implementação do Estado farrapo”. In: CESAR, Guilhermino. *O contrabando no sul do Brasil*. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978, p. 67.

⁹ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. 2. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 67.

¹⁰ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. 2. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 68.

¹¹ PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. *Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano*, 2. ed. Porto Alegre: Ed da Universidade/ Ufrgs, 1992, p. 38.

entre os farrapos com os países do Prata, estes que apoiavam a revolução republicana e separatista dos rio-grandenses.¹² Temos que entender, como cita Svartman, que “[...] todos os países de determinada região, de uma forma ou de outro, relacionam-se entre si”.¹³

Cita Flores, que “[...] a formação do Rio Grande do Sul é muito diferente da região platina”,¹⁴ a Constituição de 1819, estabelecia um estado unitário, nas províncias platinas, mas não foi está seguida pelas províncias de Entre Rios, Santa Fé, Corrientes e Banda Oriental. Estas se encontravam unidas por uma “[...] liga federal contra o monopólio econômico e a centralização do governo de Buenos Aires”.¹⁵ Nota-se a existência de uma dicotomia de interesses nos governos platinos mesmo no começo de suas configurações políticas. Quando da Guerra da Cisplatina, Bento Gonçalves da Silva, que “[...] praticamente não existia para a história”.¹⁶ No posto de cabo acompanhou as tropas luso-brasileiras na invasão da Banda Oriental, com o objetivo de derrubar Artigas. Essa estratégia foi consumada em 1821 com a incorporação sob o nome de Província Cisplatina.

Além de contrair matrimônio e cuidar de sua estância, quando esteve promovido a coronel em 1825, Bento Gonçalves ficou com o comando das forças de Jaguarão. Ali acabou protegendo o caudilho¹⁷ Juan Lavalleja na luta contra Frutuoso Rivera.¹⁸ Da mesma

¹² LEITMAN, Spencer Lewis. *Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos: um capítulo da história do Brasil do século XIX*; tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p.35.

¹³ SVARTMAN, Eduardo Munhoz. *Política externa e região em tempos de crise*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 14.

¹⁴ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. 2. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 68.

¹⁵ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. 2. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 71.

¹⁶ GOLIN, Tau. *Bento Gonçalves o herói ladrão*. Santa Maria-RS: LGR, 1983, p. 19.

¹⁷ Caudilhismo. Termo de origem espanhola, impregado para designar regime político existente na maior parte dos países da América do Sul na primeira metade do século XIX e parte da segunda. O nome decorre das chefias que dividem o poder, geralmente de origem militar e provenientes, igualmente, da desmobilização dos exércitos ocorrida nas guerras de independência contra o domínio espanhol. Os caudilhos, nome pelo qual essas lideranças são identificadas, eram pessoas não raras dotadas de pouca instrução, o que era compensado, porém, pela eficácia e pelo carisma com que condiziam seus comandados. O caudilhismo é exercido, a um só tempo, de maneira patriarcal e autoritária, refletindo-se na adesão ampla e incondicional dos liderados, homens e mulheres, sem qualquer programa político definido. O caudilhismo possui uma tendência inata a se transformar em ditadura e, a exemplo dos tiranos gregos, procura estabelecer vinculações ou pactos com os Estados que praticam esse regime. O termo tem sido empregado na América Latina para indicar, também, lideranças regionais, sem que tenha, entretanto, qualquer aproximação sociológica com o coronelismo, uma das formas mais consistentes, em determinada época, do mandonismo regional brasileiro. Na Espanha, a ditadura franquista foi oficialmente institucionalizada como manifestação declarada de caudilhismo. Seu chefe, o general Franco (1892-1975), era abertamente chamado de caudilho. Durante a guerra civil que ensanguentou aquele país, o tema das forças anti-republicanas era: "uma fé, uma pátria, um caudilho". O termo caudilho foi também usado para identificar os conquistadores espanhóis do novo mundo, sem, neste caso, expressar o aprofundamento político e sociológico que tem modernamente. In: AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes*,

forma que Bento Gonçalves da Silva manteve contatos recíprocos com caudilhos platinos, outro exemplo foi com padre Caldas, revolucionário da Confederação do Equador de 1824,¹⁹ Bento Manoel Ribeiro também foi companheiro de armas de Frutuoso Rivera, quando Bento Manoel “[...] ocupou o posto de brigadeiro do Império, de 1824 a 1825, protegendo-o em seu acampamento quando o caudilho oriental se internou no Rio Grande do Sul”.²⁰ Nota-se os contatos e as ligações entre os líderes uruguaios²¹ e farroupilhas. O que não significa, segundo Flores, que “[...] o movimento dos farrapos seja platino”,²² também que “[...] os dois Bentos, que eram os principais chefes militares da província, não aceitavam a federação platina, apesar de compadres e amigos dos dois caudilhos orientais”.²³ Necessariamente,

A Nação e o Estado passam a ser concebidos como simples projeções de uma suposta realidade básica, que é o Poder, cuja definição se amplia suficientemente para tudo incluir, desde o estado de espírito da população até às estatísticas de produção de feijão, passando naturalmente pelos estoques de armas de guerra.²⁴

Assim, em tese, uma nação que tem o desejo de se tornar independente, não se jogaria aos braços de outra. Tratando-se do caso farroupilha, essa hipótese é ainda mais tênue, pois o “grupo da maioria” coordenada por Bento Gonçalves da Silva, defendia a organização de um Estado independente e republicano,²⁵ usava as armas para fazer

termos e conceitos históricos. (colaboração de Rodrigo Lacerda). 3. ed. Ampliada e atualizada - Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1999, p. 96.

¹⁸ O Caudilho Oriental Frutuoso Rivera, que seus patriotas chamavam geralmente D. Frutos. Nasceu em 1791 no Uruguai e faleceu na vila do Serro Largo em 1854. Era coronel do Exército de Artigas e aderiu ao general Carlos Frederico Lecor, na vitoriosa Campanha da Cisplatina pelas tropas luso-brasileiras. Foi nomeado brigadeiro graduado do Império a 26 de maio de 1823, passando a efetivo por Decreto de 12 de outubro de 1824. Quando Lavalleja invadiu a Província Cisplatina com o fito de libertá-la do Brasil, em 1825, Frutuoso Rivera traiu os brasileiros e passou-se para o lado contrário a 27 de abril. Foi Presidente da República do Uruguai em 1838. Nota de rodapé In: SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais: contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil/ C. Schlichthorst; tradução de Emmy Dodt e Gustavo Barroso, apresentada, anotada e comentada por este.* - Brasília: Senado Federal, 2000, p. 35.

¹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A revolução farroupilha.* São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 50.

²⁰ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha.* 2. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 71.

²¹ Até mesmo Garibaldi tivera “[...] na capital uruguaia, amigos e protetores prestigiosos, [...]”. In: CESAR, Guilhermino. *O contrabando no sul do Brasil.* Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978, p. 67.

²² FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha.* 2. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 72.

²³ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha.* 2. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 73.

²⁴ FURTADO, Celso e outros. *Brasil: tempos modernos.* 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 14.

²⁵ PADOIN, Maria Medianeira. *Revolução Farroupilha.* In: *Império.* - V. 2 – (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul). Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 43.

reivindicações políticas e econômicas. Segundo Flores, “Os farroupilhas também queriam uma federação em que as províncias teriam a soberania para escolher seus próprios governantes”.²⁶

Os farroupilhas apenas buscavam além de manter contatos com esses caudilhos, sustentar as suas necessidades.²⁷ Comercializavam “[...] produtos, como a erva-mate, o fumo, o sal, o papel de imprensa (os jornais farroupilhas recebiam-no da Argentina e do Uruguai)”.²⁸ Além de “[...] armas, pólvora, gado, dinheiro, cavalhadas, ferro, sal, tecidos, consoante às necessidades das populações e das tropas, circulavam como nunca pela fronteira”.²⁹

Frutuoso Rivera foi o primeiro presidente constitucional do Uruguai. Inicialmente, governou durante cinco anos, de 1830 a 1835, quando foi sucedido por Manuel Oribe, que ficou no poder até 1838. Nesse ano, Rivera, ao ser deposto do comando geral da Campanha, deflagra um levante contra Oribe, dando origem a Guerra Grande, que envolveu o Uruguai em um período belicoso até 1852, quando Rosas apoiador de Oribe, foi deposto, com o auxílio de tropas do Império brasileiro e com a presença de ex-combatentes farroupilhas.

Juan Manuel Rosas³⁰ junto de Manoel Oribe, buscaram de todas as formas instrumentalizar os farroupilhas contra o Império, tanto que Paulino José Soares de Souza, Ministro das Relações Exteriores, em *Memórias* de 1852 ao Parlamento brasileiro, acusou Rosas e Oribe de tentarem reviver o tratado de 1777, recobrando os povos das Missões.³¹ Rosas reconheceu a então República Rio-grandense como um país independente,³² acolhendo em setembro de 1839³³ Antônio Manuel Corrêa da Câmara como enviado e

²⁶ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. 2. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 71.

²⁷ “Ao ler as correspondências de Domingos José de Almeida, nota-se as seguintes referências com relação aos gêneros comercializados entre farrapos, uruguaios e argentinos, que vão de couros, mulas, cavalos, gado cavum, e erva-mate”. In: CESAR, Guilhermino. *O contrabando no sul do Brasil*. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: EST, 1978, p. 75.

²⁸ CESAR, Guilhermino. *O contrabando no sul do Brasil*. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: EST, 1978, p.58.

²⁹ CESAR, Guilhermino. *O contrabando no sul do Brasil*. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: EST, 1978, p.58.

³⁰ Em carta de 13.10.1844, segundo Flores “[...] Bento Gonçalves escreveu a o Barão de Caxias informando que, mesmo sabendo da ameaça do ditador Rosas, não abria mão de seus princípios e que a sustentação não teria por base a suspensão das armas”. In: FLORES, Moacyr. *Negros na Revolução Farroupilha: traição em Porongos e farsa em Ponche Verde*. Porto Alegre: EST, 2004, p. 68.

³¹ GOLIN, Tau. *A Fronteira*. Porto Alegre: L&PM, 2002, v.1, p. 344.

³² GOLIN, Tau. *A Fronteira*. Porto Alegre: L&PM, 2002, v.1, p. 344.

³³ “No início do ano de 1839, encontrava-se na República Oriental do Uruguai, mais precisamente em Montevidéu, o Vice-Presidente da República Rio-Grandense José Mariano de Matos. A sua missão naquele país era de coordenar os negócios e o apoio do Presidente Uruguaio José Frutuoso Rivera,

ministro plenipotenciário.³⁴ Mas depois de quatro anos de relação com Rosas, os farroupilhas uniram-se a Rivera, sendo este inimigo ferrenho de Rosas. De fato, os farroupilhas preferiram uma aliança com um caudilho aliado com o Império no Prata, descartando Oribe e Rosas, os quais apoiavam a causa separatista.³⁵

Em sua guerra contra Oribe, Rivera buscou apoio para vencê-lo.³⁶ Por isso tinha reconhecido a independência do governo farroupilha no Tratado de Canguê, ao definir uma linha divisória com o Uruguai. Na situação de guerra civil dos orientais, os farroupilhas reconheceram Rivera como presidente do Uruguai, em 21 de agosto de 1838.³⁷ O tratado ainda presumia que os imperiais seriam expulsos do Uruguai e os partidários de Oribe expulsos da “República Rio-grandense”. A questão dos portos também é prevista. Caso os farroupilhas tomassem Rio Grande deveriam auxiliar em armas os soldados de Rivera. O mesmo ficava prescrito para Rivera, caso se apossasse do porto de Montevideú. Soldados riveristas que lutassem ao lado farrapo seriam anistiados; o mesmo estava previsto para rio-grandenses que servissem nas tropas de Rivera. Na realidade, ambos os lados tinham duas cabeças, uma pensando em si e a outra em si mesmo. Rivera mantinha com os farrapos tratados de ajuda mútua e recebia auxílio do Brasil para perseguí-los.³⁸ Dessa forma, os farrapos continuavam ora com Rivera, ora com Oribe, interessados apenas em conseguir armas e munições. Em carta a Domingos José de Almeida, Bento Gonçalves fala de Rivera: “[...] contudo não convém por ora mostrar-mo-nos, desconfiados, e nem deixar aparecer a menor suspeita em papel público; nisto está toda a grande política para destarte, fingindo

em favor da revolução. Fructuoso Rivera estava sendo cortejado por monarquistas e republicanos e como podemos deduzir pela correspondência trocada entre o Ministro da Guerra José da Silva Bandão e o Ministro do Interior Domingos José de Almeida, o Presidente Uruguaio não havia tomado uma atitude clara favorável aos farroupilhas, os quais não estavam muito confiantes no seu interesse em definir-se abertamente a favor da República Rio-Grandense”. In: CASSAL, Arnaldo Luiz; ABRÃO, Nicolau da Silveira. *Caçapava: Capital Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985, p. 63 e 64.

³⁴ GOLIN, Tau. *A Fronteira*. Porto Alegre: L&PM, 2002, v.1, p. 344.

³⁵ GOLIN, Tau. *A Fronteira*. Porto Alegre: L&PM, 2002, v.1, p. 344.

³⁶ “O general Henrique Martinez, pessoa muito addicta aos farroupilhas e muito da confiança delles, naturalmente por isto foi escolhido por Fructuoso Rivera para ir a Cassapava, na qualidade de ministro plenipotenciario, com o fito de restabelecer a intimidade entre as duas republicas. De volta, reuniu-se ao presidente do Uruguay em Durazno, onde na altura a que attinge a narrativa, iam chegando os relatos ácerca da tremenda crise que assoberbava o novel Estado, desde o termo da campanha no Valle do Taquary. Martinez, escrevendo para sua familia, não lhe occulta que os liberaes << iam muito mal >>. Com isto, porém, asse Vera estar imminente uma grande mutação de scenario: << Um dos officiaes da legalidade, que havia estado >> na referida villa, o tenente-coronel José Antonio Martins, lhe assegurava, que logo que fôssem batidos os rebeldes e reduzidos á obediencia legal, elle e outros chefes legalistas se serviriam das mesmas forças legaes, para proclamarem o systema republicano e a indepedencia da Província >>”. In: VARELA, Alfredo. *Política Brasileira, interna e externa*. Volume II. PORTO. Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da EDITORES, 1929, p. 24.

³⁷ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da revolução farroupilha/ por Moacyr Flores*. 2 ed. Revista e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 81.

³⁸ FLORES, Moacyr. *República Rio-Grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

toda a confiança naquele homem”.³⁹ Conforme Lazzarotto, “[...] uma das primeiras preocupações dos farrapos [...] foi estabelecer relações de boa amizade com os vizinhos mais próximos, com a República do Uruguai e as províncias argentinas de Entre Rios e Corrientes.⁴⁰

Com o sítio de Montevideú, a Oribe só restou à renúncia da presidência. Dessa forma, Rivera assume novamente a presidência do Uruguai. Agora Rivera, além de enfrentar Oribe como seria de natureza, terá também de enfrentar Rosas e Lavalleja, que apoiam Oribe. Rivera fica no centro, entre o Império e a República Rio-grandense, mantendo uma sintonia contra o tripé de oposição.

Para poder enfrentar o poder de Rosas, Rivera realimenta a antiga idéia de Federação entre o Rio Grande do Sul, Uruguai, Corrientes e Entre Rios. Com o segundo tratado entre Rivera e a República Rio-grandense, prevendo uma possível invasão da província de Entre Rios, com o objetivo de depor o seu presidente, os rio-grandenses forneceriam 500 homens de infantaria e 200 de cavalaria; Rivera forneceria 1.000 cavalos aos rio-grandenses.⁴¹ Como os 1.000 cavalos nunca chegaram ao Rio Grande, os farrapos não enviaram o contingente a Entre Rios. Dessa forma, o dito tratado nunca passou do papel.

A intervenção de Rivera era tamanha no território brasileiro que estava envolvido mesmo no tratado de 28 de fevereiro de 1845. Para intermediar a paz, pediu a quantia de 40 a 60 mil piastras. O pagamento não foi aceito pelo Império, e nem pela República, os quais dispensaram a sua intervenção.⁴² Na verdade, o Império prestava atenção nas manobras de Rosas, que realizava diversos movimentos para que os farroupilhas pudessem prosseguir com a guerra, quando, em 1842, o Império passou à ofensiva, sob o comando de Caxias, e com as demais rebeliões regionais sufocadas.⁴³

Em 28 de janeiro de 1842 foi assinada a convenção de Corrientes, que estipulava:

Do artigo 1.º ao 4.º, da convenção de Corrientes, tratam de amizade e comércio. Do 5.º ao 7.º, estabelecem a repressão relativa a qualquer intromissão clandestina

³⁹ *Coletânea de documentos de Bento Gonçalves da Silva 1835/1845* Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul - Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de publicação e Concursos, 1985. (AP.CV-8334).

⁴⁰ LAZZAROTTO, Danilo. *História do Rio Grande do Sul*. 5. ed. rev. E atual. Porto Alegre: Sulina, 1986, p. 63.

⁴¹ O Tratado de D. Frutuoso foi assinado em 28 de dezembro de 1841.

⁴² FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da revolução farroupilha/* por Moacyr Flores. 2. ed. Revista e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 84

⁴³ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da revolução farroupilha/* por Moacyr Flores. 2. ed. Revista e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 131-132.

de toda a espécie de propriedade, garantindo bens e pessoas rio-grandenses, residentes em Corrientes.

No item 8.º, se comprometem em manter perfeita neutralidade nas lutas políticas regionais. Do artigo 9.º a 13.º, combinam o desarmamento de grupos armados que invadissem ambos os territórios e contrários às causas que defendiam, comprometendo-se a estipularem uma aliança ofensiva e defensiva contra os governos perturbadores da paz e tranqüilidade dos países contratantes. Nos itens seguintes o governo de Corrientes se comprometia a empregar sua influência para que os governos de Entre Rios e Santa Fé celebrassem igual convenção com os rio-grandenses [farroupilhas], e que tudo faria para que a República Rio-Grandense fosse reconhecida pelo governo argentino.⁴⁴

A província de Corrientes também já havia se rebelado contra o seu governo central,⁴⁵ os farroupilhas buscaram o reconhecimento dessa província. Dessa forma, os interesses eram semelhantes. A própria conservação do comércio acabou sendo fator determinante para a convenção.

Em 9 de novembro de 1842, ao assumir a presidência e o Comando das Armas, o Barão de Caxias promoveu imediatamente um acordo com Manuel Oribe⁴⁶ para que os republicanos não atravessassem a fronteira com o Uruguai. Entretanto, quando Bento Gonçalves esteve no Uruguai para comprar armas e mantimentos, foi recebido com honras de Estado.⁴⁷

A 22/12/1842, Caxias remeteu ao Imperador o ofício dizendo que tendo notícias vindas do encarregado de Negócios em Montevidéu, o Coronel João da Silva Tavares, de que Frutuoso Rivera fora derrotado em Entre Rios pelas forças de Manuel Oribe, dizendo que agora provavelmente ele procure as forças dos rebeldes da província do Rio Grande do Sul. No mesmo ofício dizendo haver algum tipo de pacto de Rivera com Bento Gonçalves, e,

⁴⁴ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da revolução farroupilha/ por Moacyr Flores*. 2. ed. Revista e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982, p. 83.

⁴⁵ Neste período os farroupilhas eram contrários a Rosas.

⁴⁶ Em 10 de dezembro envia um aviso que se faz necessário e de urgente necessidade um Agente Diplomático na República do Paraguai, para que seja mais fácil a compra de cavalos para o uso do exército imperial, e que essas necessidades aumentarão com a aproximação do exercito para a fronteira, pede então a nomeação e que seja feito um encarregado de negócios com aquele estado, também cita os embaraços que luta o Brigadeiro Gama.

Caxias entrega dois ofícios um “[...] aos Cônsules e supremo Governo da Republica de Paraguay”, o outro ao comandante do próprio acampamento em que se apresentava, preocupava-se com o caso da cavahada que estaria ao passo de Corrientes, e que “a perder a cavahada me parece que era prejuiso sobre prejuiso”, falanda a Excelência Imperial de que se tivesse já alguém que cuidasse dos negócios diplomáticos isso não precisaria estar acontecendo e “: podiamos ter augmentado o numero de cavallos, porem foi-nos prohibido a compra a qual só teria effeito com a chegada do encarregado dos Negocios”.

Com resposta ao Brigadeiro Gama que havia feito contato para a manutenção e compra de cavahada, foi lhe passado que receberiam ajuda para passar pelo Uruguai, mas que “ordena a los señores brigadier Gama y Teniente coronel Martines, que en el termino de doce dias se retirem doce leguas fuera del territorio de esta Republica,” “y por lo que respecta las cabalhadas compradas por el expresado Gama,” de assunção Alonso Lopes.

⁴⁷ FLORES, Moacyr. *A Revolução Farroupilha*. 4. edição. Porto Alegre. Ed.UFRGS, 2004, p. 97.

das relações que sendo informado que “[...] os rebeldes recebiam do Estado Oriental 200 clavinas e 200 espadas; e desorientados como ambos se acham, fácil é que se reunam. Este acontecimento me obriga a conservar no Rio Grande maior força de infantaria do que pretendia, pois convém “acontecer aquella fronteira”. Na derrota do dia 6 de dezembro, como informa Caxias, Rivera além de ter perdido artilharia, infantaria, e também a cavalaria, ficou ferido e acabou passando o Uruguai só com mil homens de cavalaria.⁴⁸

Caxias cita que às vezes, aparentemente sem motivos prévios, os farrapos tinham imigrado⁴⁹ para o Estado Oriental,⁵⁰ não tendo notícia de que os rebeldes tenham pensado em fazer junção com este caudilho, e mesmo temendo o fazerem essa junção,⁵¹ a 18 recebe a informação de que Rivera projeta entrar pela fronteira do Chuí, para que consiga reunir-se com os rebeldes desta província, mandando que caso isso ocorra uma força entre em conflito com este, tirando ao menos o armamento que este possui, e não deixar que se reúna às forças farrapas,⁵² também Domingos José Gonçalves de Magalhães, em ofício ao Marechal Antônio Ferreira de Brito, cita que, “[...] muitos oficiais de D. Fructo tem emigrado para esta Província”.⁵³

Domingos José Gonçalves de Magalhães dá notícia de que os emigrados de Montevidéu que se encontram refugiados são logo desarmados, tendo aparecido entre os rebeldes em grande número, também este recebe a notícia de Montevidéu que Oribe se acha à testa de 12 mil homens e D. Fructo com 4 mil homens de cavalaria.⁵⁴

Em ofício ao Ministro Salvador José Maciel, o barão de Caxias cita ter entrado na fronteira com o Estado Oriental em busca dos rebeldes, e que não sai de lá até que ganhe os cavalos que negociou com Oribe, além de novamente temer uma ligação de Bento Gonçalves com Frutuoso Rivera, da existência de um suposto contrato.⁵⁵ Em resposta do que havia pedido em novo ofício, Caxias cita o recebimento do pedido da cavalaria do Estado Oriental, que era um número de três mil,⁵⁶ logo o Barão diz que necessariamente

⁴⁸ Ofício de barão de Caxias ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra José Clemente Pereira.

⁴⁹ “Quando se sentiam gravemente doentes, quando se acidentavam, quando recebiam ferimentos graves, os insurgentes tinham de ir procurar bons médicos e assistência hospitalar nos países vizinhos”. In: CESAR, Guilhermino. *O contrabando no sul do Brasil*. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978, p. 66.

⁵⁰ Ofício do Barão de Caxias ao Ministro José Clemente Pereira, de 05/02/1843.

⁵¹ Ofício de Caxias a José Clemente Pereira, de 17/02/1843.

⁵² Ofício de Caxias ao Ministro Salvador José Maciel, de 18/02/1843.

⁵³ Ofício de Domingos José Gonçalves de Magalhães ao Marechal Antonio Ferreira de Brito, de 22/02/1843.

⁵⁴ Ofício de Domingos José Gonçalves de Magalhães ao Marechal Antero José Ferreira de Brito, de 06/03/1843.

⁵⁵ Ofício do Barão de Caxias ao Marechal Salvador José Maciel, de 31/03/1843.

⁵⁶ Ofício do Barão de Caxias ao Ministro Salvador José Maciel, de 20/04/1843.

para que os rebeldes e nem os partidários de Frutuoso Rivera se juntem em força única de modo que deve estar sempre em manobrar a fronteira, e que já mandou novamente o pedido de mais seis mil cavalos a Oribe, e, que, até agora não recebeu nenhuma resposta.⁵⁷

Portanto,

V.Ex^a recebeo o Estado Oriental três mil Cavallos, e espera por mais dois mil, que lhe hão de vir do Paraguay. Já se apresentou o Tenente Coronel Demetrio com cem homens, e seis centos cavallos, o irmão do Brigadeiro Bento Manoel com outros tantos homens, e mil e quinhentos cavallos, um filho do dito Brigadeiro e quatro officiaes, e alem destes outros muitos se tem apresentado.⁵⁸

Nova compra de artigos bélicos dos rebeldes com Montevidéu, além de cavahada,⁵⁹ da mesma forma Caxias pede reforço ao que se refere aos cavalos.⁶⁰ Em ofício do dia 20 de junho de 1843, o barão diz que espera receber os cavalos do Estado Oriental. Citando que o brigadeiro comandante da guarnição da cidade de Rio Grande, em envio de ofício de 15 do mesmo mês, no rincão dos Tauras, quatro mil cavalos esses dos quais o próprio barão havia ordenado, e que o número pode aumentar para oito mil pela porção que está entrando pela fronteira do Chuí, esses cavalos são “[...] pertencentes a subditos do Imperio que tem sido forçados a abandonar o territorio da Republica do Uruguay”.⁶¹ Já em 16 de julho, Caxias em ofício, cita:

[...] que eu procurasse haver directamente do General Oribes os 6:000 cavallos por Rozas promettidos, lhe dirigi uma carta particular fallando-lhe nesse negocio e indicando-lhe[?] o lugar em que para ser recebidos os mesmos cavallos no caso que se perdesse realizar a sua venda. Depois de um intervallo de mais de 3 mezes, recebi do mesmo Oribes a carta que junta achara V.Ex^a em original, em aqual me diz nada saber a tal respeito! Se eu me tivesse fiado em tal promessa por certo me veria hoje em grandes embaraços para poder continuar as opurações, [...]⁶²

Em resposta, Oribe diz que,

[...] debo contestable que ningún conocuniento he tenido liasta haora del compromiso a que V.E. se refere de los ceis mil cavallos, p^olo que no lie dado ordenes ningunas_

⁵⁷ Ofício de Caxias ao Ministro Salvador José Maciel, de 21/04/1843.

⁵⁸ Ofício de Domingos de Domingos José Gonçalves de Magalhães, de 01/05/1843.

⁵⁹ Ofício de Caxias ao Ministro Salvador José Maciel, de 17/05/1843.

⁶⁰ Ofício de Caxias ao Ministro Salvador José Maciel, de 08/06/1843.

⁶¹ Ofício de Domingos José Gonçalves de Magalhães ao Marechal Antero José Ferreira de Brito, de 13/07/1843.

⁶² Ofício do Barão de Caxias ao Ministro Salvador José Maciel, de 16/07/1843.

Lle preguntado, sin[¿] embargo, lo que hay sobre ello, al gamo gobernador Rosas [...]⁶³

Então, Caxias refuta dizendo que Oribe deu uma “resposta (muito retardada)” da carta que lhe havia endereçado, falando dos 6.000 cavalos que precisava para remontar o exército; diz que mesmo com o inverno não vai parar com as operações; que também os rebeldes estão em mal estado e em posição desvantajosa para invernar suas cavalcadas. Caxias afirma ter recebido a informação de que uma força de 3.000 homens, vindos de Buenos Aires, acaba de chegar a Entre Rios e, unindo-se a mais 2.000 entrerrianos que aí se encontravam, e devem atacar Corrientes, sob o domínio de Rosas.⁶⁴ Da mesma forma, Caxias esclarece que,

Estão repassando o Uruguai 20.000 cavallos para Oribe sem consecuencia do que Urguisa se encosta com a sua collunna a esse Rio, para os receber quando com elles seguir a unir-se ao grosso do Exercito daquelle General, que só espera por esse recurso para principiar suas operações emgrandese[?] contra Rivera. Em geral pela campanha e dito ainda como certo a Victoria de Oribes. (Os infantes no movimento de Corrientes mandarão-me propôr a troca de cavallos por armamentos; eu respondi-lhes tendo desse genero em[?] abundancias para o serviço do Exercito Imperial, me era impossivel effectuar tal negocio mas que mandava à aquelle lado um official com dinheiro, para comprar todos os cavallos de que elles podessem dispor, e que no caso que elles concentissem nessa compra, eu daria parte ao Governo Imperial, da proposta que elles me fazião e que se o governo aprovasse os avisaria[?] para mandarem receber o armamento que me viesse da Corte para esse fim em Alegrete, ou em outro posto que me fosse por elles indicado.

Estou com tudo esperançado de que effectuarei a compra dos cavallos de que necessitar, sem que seja mister effectuar tal transação.⁶⁵

Nas pontas do rio Jaguari, em ofício a Salvador José Maciel, Caxias diz que um “[...] regimento de cavallaria do Exército de Fructuoso Rivera havia atravessado a nossa fronteira, pelas alturas de Ponxe Verde”. Dessa forma ordenou ao “[...] tenente-coronel João Propicio Mena Barreto, comandante do 3º Corpo de Cavallaria, [...] procurasse cercar aquelle Regimento”.

[...] na madrugada de hontem no lugar denominado Talavera e havendo intitulado lhe a depozição do armamento, e a marcha até o ponto em que eu me achava prontamente assim executou forçando pelas circunstancia, e hontem mesmo se me apresentou o Coronel D. Baldoneiro Sotelo Commandante do citado Regimento com duzentos praças d'elle inclusas dezenove officiaes. O supradito Coronel nos decla(...?) de soffrer as prepotencias de D. Fructo havia abandonado a sua causa com quatro centos combatentes, que em tanto montavão as praças

⁶³ Ofício do Barão de Caxias ao Ministro Salvador José Maciel, de 16/07/1843. (anexo a resposta de Oribe).

⁶⁴ Ofício do Barão de Caxias ao Ministro Salvador José Maciel de 18/07/1843.

⁶⁵ Ofício do Barão de Caxias ao Ministro Salvador José Maciel de 18/07/1843.

do Regimento sob seo Commando, e procuravão a proteção do Exercito Imperial, porem que ao entrarem nestas Provincia duzentos d'elle tinham seguido em direcção ao Rio Uruguay com intenção de atravessarem por serem quase todas das Provincias de Santa Fé; em consequencia do que, expedi immediatamente as necessarias Ordem ao Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro que manobra sobre o limite com a 2ª Divisão deste Exercito para que os fizesse perseguir e dezarmar. Com não tenho dados sufficientes para saber se que me declarou o predicto Coronel, hé ou não veridico e antes motivos para desconfiar de que fosse a entrada de taes forças no nosso territorio, hum ardil de D. Fructo para assim reforçar as dos rebeldes seos aliados, á vista das communicações interceptadas e das quaes já dei parte a V.Ex^a, conservo-as dezarmadas, acampando-as sempre entre dois dos nossos Corpos.⁶⁶

Em outro officio a Salvador José Maciel, Ministro e Secretário dos Negócios da Guerra, de 2 de novembro de 1843, do quartel general em São Gabriel, Caxias indica novamente 6.000 cavalos mandados por Oribe, os quais estariam a sua disposição.

Tendo-me V. Ex^a Communicado que o General D.Manoel Ouribes, conforme insinerações que tivera de D.João Manoel[?] Rosas Presidente da Confederação Argentina, estava disposto a cedernos seis mil cavallos, escolhi huma pessoa de minha confiança que hindo ao Campo d'aquelle General conferenciasse a semelhante respeito, afim de quase os referidos cavallos fossem postos a minha deposição pelas immediações de Pai-sandú, logar o mais apto para dali serem remetidos a 2ª Divisão do Exercito que manobra na Comarca de Alegrete; porem podendo acontecer que (...?) antes de chegar ao Exercito de Ouribes, fosse encontrada por forças de D. Fructuoso Rivera, e assim se malograsse a sua hida ao Estado Oriental, aproveitei o pretexto da dezerção do regimento Correntis e communiquei a D. Fructo qual havia sido o meo procedimento a respeito do predicto Regimento. Com effeito a mencionada pessoa (...?) o proprio Rivera perto de Taquarembó retirando-se do Exercito de (...?) que se achava do outro lado do Rio Negro fez-lhe entrega dos meos officios, (...?) os que eu endereçava a Ouribes e vendo quanto aquelle General se mostrava satisfeito com a minha conducta e o desejo que mostrava ou fingia mostrar em agradecer-me propoz-lhe a compra de três mil cavallos, como eu lhe havia incumbido, as que elle (...?) dando logo as precisas ordens afim de que semelhante Cavallos se reunissem em três diferentes pontos onde os deverei mandar receber, e destacava immediatamente dois officiaes superiores do seo Exercito que vão ter comigo, pedindo-me nessa occasião que eu facilitasse os meios para que hum delles se dirigisse por mar a Monte-video com officios seos declarando a aquelle Governo que nenhuma duvida tem em entrar em huma liga offensiva com o Imperio, e que pelo contrario julga que semelhante liga será muito proveitoso aos dois Estados.

Este procedimento da parte de Fructuoso Rivera seria enexplicavel se não tivesse cahido em nosso poder a correspondência d'elle com os rebeldes desta Provincia a qual tive a honra de enviar a S. Ex^a o Snr Ministro e Secretario d' Estado dos Negocios Estrangeiros (...?) (...?) em que aquelle Caudilho receioso de acarretar contra se as forças do Imperio pelo seo desmascaramento, queira arripiar carreiras, ou pelo menos ganhar tempo.

Devo acrescentar que D. Fructo me officiou noticiando-me as ordens que havia dado para que me sejam entregues os três mil cavallos de que a cima faço menção porem em compreensão me pediu duas peças de artilheria, quinhentas espadas e quinhentas clavinhas, bem como algum dinheiro ao que lhe respondi, que quanto o armamento nenhum lhe podia ceder porque o que tenho apenas para armar as

⁶⁶ Officio do Barão de Caxias ao Salvador José Maciel, em 28/09/1843.

praças do Exercito sob meo Commando, e que a respeito do dinheiro nenhuma duvida punha em saptisfazelo da importancia de taes cavallos logo que elles me fossem entregues.⁶⁷

Também em 14 de novembro, Caxias informa a Salvador José Maciel que uma força composta por quarenta homens, estes pertencentes a uma Divisão, com o intuito de observar o movimento dos rebeldes, conseguiu derrotar, adquirindo noventa e seis cavalos, dois cunhetes de cartuchos, e o mais importante à correspondência de Frutuoso Rivera que havia dirigido a Canabarro. Na verdade, Caxias apenas cita o que disse na do dia 2 de novembro, em que fala da conduta de Rivera.⁶⁸ Em 4 de dezembro, Caxias informa que Rivera se aproximava da fronteira. Caxias logo chega a este ponto tanto para se refazer de cavalhadas como para não deixar que este caudilho chegue a fornecer aos rebeldes cavalos e munições, “como já havia feito”. Rivera havia mandado cavallhada a David Canabarro, existindo entre os rebeldes e Rivera plano combinado, conforme o barão. Então manda Bento Manoel Ribeiro em perseguição de Canabarro. Conforme Caxias, os rebeldes em contato com o Estado Oriental, recebiam recursos; careciam principalmente cavalos, voltavam estes sempre refeitos desses materiais.⁶⁹

Em novo ofício, Caxias esclarece que as forças de Urquiza haviam atravessado o Rio Negro, e sua vanguarda teria conseguido derrotar o exército de Frutuoso Rivera, obrigando a que se retirasse. Da mesma forma, uma partida de rebeldes havia sido internada no Estado Oriental para trazerem cavalos. Para impedi-los, ordenou que o capitão Albernaz, com cinqüenta praças fosse bater a partida rebelde, a qual foi encontrada no rio Taquari e Oriental. Com sessenta homens que eram comandados pelo capitão Barbosa. A tropa imperial matou sete rebeldes e aprisionou oito, além de tomar mais de trezentos cavalos. Apenas um cabo de esquadra foi levemente ferido.⁷⁰

Nesse momento das operações de guerra e diplomacia, no segundo ano em que o barão de Caxias se encontrava no comando das operações, estabeleceu duas prioridades fundamentais, enquanto marchava em direção a Alegrete, em 18 de dezembro de 1843: fazer a máxima perseguição aos rebeldes e impedir que Frutuoso Rivera fizesse junção com eles.

Considerações Finais:

⁶⁷ Ofício do Barão de Caxias ao Ministro da Guerra Salvador José Maciel, de 02/11/ 1843.

⁶⁸ Ofício do Barão de Caxias ao Ministro da Guerra, Salvador José Maciel, de 14/11/1843.

⁶⁹ Ofício do Barão de Caxias ao Ministro da Guerra, Salvador José Maciel, de 04/12/1843.

⁷⁰ Ofício do Barão de Caxias ao Ministro da Guerra Salvador José Maciel, de 05/12/1843.

Considerando os diversos ofícios do barão de Caxias que demonstram as suas articulações e manobras para vencer os rebeldes, ficam claros as correspondências e como são perenes os contatos de Caxias, os rebeldes e as províncias platinas, com quanto às relações eram intrínsecas, e, cada um motivado por seus interesses pessoais e governamentais. Caxias em prol do governo imperial conseguiu sufocar a província, vencer e debelar os rebeldes farrapos que há sete anos comandavam a região sulina. Porém, para isso precisou das relações diplomáticas com os governos platinos, tanto para se manter no que diz respeito à utilização de equipamentos vindos das províncias para as tropas, como para dificultar as relações diplomáticas dos rebeldes com essas províncias. Logo, o contato que o barão fez com as províncias platinas foi o motor propulsor para a pacificação da província em 1845.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Manoel Correia de. *Geopolítica do Brasil*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2001.

Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CORAG, 2004.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. (colaboração de Rodrigo Lacerda). 3. ed. Ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Arquivo Pessoal do Barão de Caxias.

CASSAL, Arnaldo Luiz; ABRÃO, Nicolau da Silveira. *Caçapava: Capital Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

Coletânea de documentos de Bento Gonçalves da Silva 1835/1845 Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul - Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de publicação e Concursos, 1985.

CESAR, Guilhermino. *O contrabando no sul do Brasil*. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

Despachos dos Cônsules dos Estados Unidos no Rio Grande do Sul: 1829/1841; trad. De Bettina G. Becker; org. Sérgio da C. Franco. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS: Instituto Histórico e Geográfico do Estado do RS, 1998.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre e seu comércio*. Porto Alegre: Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J.. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Ed. 34, 2004.

FLORES, Moacyr. *Negros na Revolução Farroupilha: traição em Porongos e farsa em Ponche Verde*. Porto Alegre: EST, 2004.

FLORES, Moacyr. *República Rio-Grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FLORES, Moacyr. *A Revolução Farroupilha*. 4. ed. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2004.

FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da revolução farroupilha* por Moacyr Flores. 2. ed. Revista e ampliada. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982.

FURTADO, Celso e outros. *Brasil: tempos modernos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Império / coordenação geral Nelson Boeira, Tau Golin; Diretores dos volumes Helga Iracema Landgraf Piccolo, Maria Medianeira Padoin. - Passo Fundo: Méritos, 2006. - v.2 - (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

LAZZAROTTO, Danilo. *História do Rio Grande do Sul*. 5. ed. Revista e atualizada. Porto Alegre: Sulina, 1986.

LUNA, Félix. *Breve história dos Argentinos*. Trad. Andrea Cecília Ramal. Rio de Janeiro; Instituto Cultural Brasileiro-Argentino, 1995.

LEITMAN, Spencer Lewis. *Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos: um capítulo da história do Brasil do século XIX*. Trad. Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MACHIAVELLI, Nicoló di Bernardo dei. *O Príncipe*. Trad. Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PEIXOTO, Paulo Matos. *Caxias. Nume Tutelar da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Edico, 1973.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. *Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano*, 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

MARTINS, Roberto R. *A Segurança Nacional*. São Paulo: Basiliense, 1986.

GOLIN, Tau. *Bento Gonçalves o herói ladrão*. Santa Maria-RS: Editora LGR ARTES GRÁFICAS, 1983.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. *A revolução farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SÁ BRITO, Francisco de. *Memória da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1950.

SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais: contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil* C. Schlichthorst. Trad. Emmy Dodt e Gustavo Barroso, apresentada, anotada e comentada por este. - Brasília: Senado Federal, 2000.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. *Política externa e região em tempos de crise*. Passo Fundo: Méritos, 2006.

As relações diplomáticas entre o Barão de Caxias, os farroupilhas e os governos platinos e provincianos durante a Revolução Farroupilha – por Jéferson Mendes

VARELA, Alfredo. *Política Brasileira, interna e externa*. Vol. 2. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L. da Editores, 1929.

Recebido em: 11/10/2007

Aprovado em: 23/06/2008